

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

PERVERSÃO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE¹

PERVERSION UNDER THE OPTICS OF PSYCHOANALYSIS

Iara Letícia de Lima², Diana Regina de Souza³, Moisés Luiz Tuzzin⁴, José Henrique Silva de Lima⁵, Rodrigo Criveleto de Andrade⁶, Taís Cervi⁷

¹ Projeto de iniciação científica desenvolvido durante a disciplina de Modelos de Pesquisa em Psicologia, no curso de Psicologia da UNIJUÍ

² Aluna do curso de Graduação em psicologia da UNIJUÍ, delimaiara@yahoo.com.br

³ Aluna do curso de Graduação em psicologia da UNIJUÍ, dianaregina.souza@yahoo.com.br

⁴ Aluno do curso de Graduação em psicologia da UNIJUÍ, moisestuzzin@hotmail.com

⁵ Aluno do curso de Graduação em psicologia da UNIJUÍ, blessthehen@gmail.com

⁶ Aluno do curso de Graduação em psicologia da UNIJUÍ, 7rodrigo.andrade@gmail.com

⁷ Professora do curso de Graduação em psicologia da UNIJUÍ, tais.cervi@unijui.edu.br

PERVERSÃO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE

PERVERSION UNDER THE OPTICS OF PSYCHOANALYSIS

Palavras-chave: Estrutura; Sexualidade; Fetichismo;

Keywords: Structure; Sexuality; Fetishism;

INTRODUÇÃO

O trabalho traz a temática da perversão sob a ótica da psicanálise a partir dos fundamentos teórico-clínicos de Freud. É a partir da obra "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" que ele apresenta pela primeira vez o conceito de perversão na qual remete à criança enquanto ser sexual e à sua característica perverso-polimorfa, que pode permanecer no adulto, trazendo também as neuroses como o "negativo" da perversão. A perversão esboçada em seu percurso teórico é um construto complexo, que passa por várias etapas para a construção de um conceito estruturado, passando por "pré-conceitos"; por juízos de valor, éticos e morais; pela construção dessa estrutura na infância, dentre outros. Foi buscando facilitar a análise teórico-clínica da perversão, que Freud procurou então entender mais sobre os "véus" que se ocultavam na formação do perverso.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter teórico-conceitual, tendo como delineamento uma revisão sistemática sobre a temática da perversão como entidade da psicopatologia psicanalítica. Tendo como fonte de pesquisa e informação a revisão bibliográfica de textos e artigos que abordam a temática da

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

perversão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Historicamente, as perversões de conceitos morais foram atribuídas a perturbações de ordem psíquica, as quais dariam origem a tendências afetivas e moralmente contrárias às do ambiente social do pervertido (FOUCAULT, 2007).

Dentro do campo da psicanálise, os estudos acerca da perversão podem ser divididos em três momentos, sendo o primeiro momento marcado pela publicação de “a neurose é o negativo da perversão” publicado em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”; o segundo momento se referindo à teoria do [Complexo de Édipo](#), que se trata da caracterização do núcleo das neuroses e das perversões; e no terceiro momento quando Freud define a recusa da castração como mecanismo essencial da perversão. É a partir desse primeiro momento, com a publicação em sua obra "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" que Freud (1996) apresenta pela primeira vez o conceito de perversão. Tratando de como há permanência na vida adulta de características perverso-polimorfas, típicas da sexualidade pré-genital infantil, em detrimento da sexualidade genital por ele considerada normal. Freud (1996) nos traz que é na infância é onde ocorre a estimulação das zonas erógenas espalhadas pelo corpo todo, e todas essas práticas constituem a sexualidade normal de cada indivíduo.

O que diferencia a sexualidade infantil daquela do perverso é o fato de que, na criança, tudo ainda é apenas potencialidade. Nenhum eixo organizador, tirânico, dominou a cena sexual. No adulto perverso, ao contrário, a sexualidade está definida e cristalizada: um eixo pré-genital preside a vida sexual, tão despoticamente quanto a genitalidade o faz na vida sexual "normal". (FERRAZ, 2002, p. 25).

Freud (1996) então observou que há adultos que se mantêm na prática de um ou outro comportamento sexual de forma exclusiva, muito mais como defesa do que como grande capacidade de sustentar a liberdade sexual, pois em sua infância as diversas correntes da sexualidade coexistiam sem um eixo organizador que as aglutinasse e subordinasse em torno de si. Desse modo, a continuidade de uma sexualidade infantil perverso polimorfa contextualizaria o perverso.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Foi subsidiado pela classe médica que Freud resolve estudar esses “desvios sexuais”. É dessa forma então, que os estudos sobre a perversão surgem recheados de conflitos e divergências, aparecendo como um construtodinâmico, complexo e de difícil convergência entre as diversas orientações teóricas que compõem a psicanálise.

As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetivos assexuais mais elevados — sua “sublimação” — destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais (FREUD, 1996, p.55-56).

Por diversos motivos, sejam eles constitucionais ou exteriores, a pulsão sexual pode conduzir a desvios, como neuroses, psicoses ou perversões. A neurose vem apresentada como “um recalçamento sexual que ultrapassava a medida do normal”. Freud (1996), no caso Dora, por exemplo, define as neuroses como o “negativo” da perversão. Isso quer dizer que nas neuroses os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se apenas a partir de uma parte inconsciente da mente, uma vez que, em ambas as estruturas psíquicas existem determinações e formulações bem distintas uma da outra no que se referem a mecanismos de defesa e modos de manifestações.

É Lacan (1999) que inaugura uma psicanálise na qual a perversão se coloca como um paradigma estrutural, mesmo que essa noção não admita uma só interpretação, trazendo o conceito de estrutura como um “conjunto de elementos que se constituem na relação, que são exclusivamente interdependentes e que se regem por determinadas leis que fazem parte de uma constituição interna”. Lacan remonta o complexo de Édipo como uma estrutura intersubjetiva que produz efeitos de representação nos personagens que a integram, evidenciados pela localização que cada um norteia em função do falo.

A dinâmica edipiana se desenvolve movida pela dialética do ser e do ter, segundo a qual o sujeito parte de uma posição onde ele é identificado ao falo da mãe para uma outra posição, onde ele, tendo renunciado a esta identificação pela aceitação da castração simbólica, tende a identificar-se seja àquele que é suposto ter o falo (pai), seja àquela que é suposta não o ter (mãe). Esta operação se atualiza graças a um processo de simbolização inaugural: a metáfora do Nome-do-Pai. (ANDRADE, 1992)



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

É dessa forma que se avaliam as frustrações e angústias da criança, que pode então procurar novas formas de desejo do Outro, vivenciando então a castração. O pai simbólico é um rival, e isso pode representar uma intensa perturbação no filho que precisa da mãe para ressignificar seus objetos de desejo. Andrade (1992) fala que se por algum contratempo esse estado de perturbação e angústia é anulado ou danificado, a dinâmica edipiana tende a se cristalizar numa forma peculiar de economia de desejo, formando assim uma estrutura perversa. O indivíduo na perversão se fecha numa representação que não pôde atribuir um significado ao que não estava presente, ao que não identificou, e assim se impossibilita de entender a castração. E essa ineficácia traz confusão na descoberta do desejo na criança.

É no trabalho intitulado de “Fetichismo”, que Freud (2006) coloca o fetiche como substituto para o pênis “perdido” da mulher (mãe), sendo esse movimento visto como a recusa (Verleugnung) dessa percepção traumática sendo esse o mecanismo psíquico de defesa utilizado na perversão. A mesma está presente na constituição de qualquer psiquismo, como uma forma inicial na elaboração de mecanismos de defesa do psiquismo. De forma enfática, é durante as faltas da mãe que o falo assume a função de satisfação de desejo e o fetiche é então um substituto do pênis, um substituto fálico atribuído como símbolo pela criança à mãe. Freud apresenta o fetichismo como sendo uma espécie de modelo geral por seus elementos invariantes, sustentando-se, portanto, como uma estrutura psíquica.

Foi buscando facilitar a análise teórico-clínica da perversão, que Freud procurou então entender mais sobre os “véus” que se ocultavam na formação psíquica do perverso. Assim, essa recusa (Verleugnung) se apresentaria de forma mais detalhada como um processo de defesa e de construção do fetiche, sendo este um substituto do pênis materno, isto é, o sujeito enxerga e nega ao mesmo tempo a constatação da ausência de pênis na mãe. É a partir daí que passamos a entender a especificidade do modo de relação do perverso com a realidade.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de perversão esteve imbuído de preconceitos, estigmas e idéias moralistas ao longo de todo o tempo. Com o avanço dos estudos psicanalíticos, essa terminologia ganhou um novo direcionamento, caracterizando-se como um conjunto de comportamentos que buscam o prazer de modo continuado sendo estruturado a partir da infância se desenvolvendo no mundo adulto com base na fixação do desvio quanto ao objeto do desejo.

É sob o viés deste experimentar e descobrir que encontraremos subsídios para a observação e a distinção da estrutura perversa para com as outras. A perversão se caracteriza por uma fixação do desvio quanto ao objeto de desejo, e pela exclusividade de sua prática. Essa sexualidade estaria definida e cristalizada, por conta de um prejuízo na estruturação do Édipo na vida da criança. O perverso sabe o que quer, sabe o foco do seu desejo, mas nega a raiz de onde ele se originou, considerando a realidade e ao mesmo tempo a negando, substituindo-a pelo seu próprio desejo. Caberá então ao próprio sujeito dentro da sua sociedade, relacionar e discernir o visto “normal” e o “pervertido”, já que o “aceitável” nada mais é que uma convenção social e cultural. Pois é como aprendemos com Freud, somos necessariamente seres sexuais, que transferem, que recalcam, liberando nossa libido, e variando inclusive nosso objeto de interesse ao longo da vida, estando ele dentro da perversão, ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luís F. G. de. **Estrutura e Perversão**. Recife: Jornada Científica do Círculo Psicanalítico de Pernambuco, 1992.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

FREUD, Sigmund. **Fetichismo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 5, as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 531.